

AIDS Preocupa Terceira Idade¹

Giovanna Menezes FARIA²

Hendryo ANDRÉ³

Centro Universitário Autônomo do Brasil - UniBrasil, Curitiba, PR

RESUMO

Os primeiros casos de HIV, vírus da síndrome da imunodeficiência adquirida, causador da AIDS, doença sexualmente transmissível (DST), foram encontrados no final da década de 1970, mas a síndrome só foi catalogada em 1982. No início, a doença esteve mais presente entre os jovens, principalmente entre os homens homossexuais e/ou bissexuais. Contudo, nos últimos anos houve uma mudança nos grupos sexuais e etários atingidos pelo vírus, que hoje são os homens heterossexuais e pessoas com 60 anos ou mais. O presente trabalho pretende mostrar essa incidência de casos de AIDS em idosos que, por falta de informação nos meios de comunicação e dos órgãos competentes, não têm consciência que se tornaram um grupo vulnerável ao vírus.

PALAVRAS-CHAVE: AIDS; idosos; informação.

1 INTRODUÇÃO

O HIV, vírus da síndrome da imunodeficiência adquirida, causador da AIDS, doença sexualmente transmissível (DST), ataca o sistema imunológico deixando a pessoa infectada vulnerável a outras doenças. Os primeiros casos encontrados foram no final da década de 1970, nos Estados Unidos, Haiti e África Central (BRASIL). No Brasil, o primeiro caso de AIDS foi encontrado em São Paulo, em 1980, sendo que a síndrome só foi classificada em 1982 e, desde então o número de casos só aumentou. De acordo com o Boletim Epidemiológico, de 2014, desde o início da epidemia de AIDS no Brasil até junho de 2014, 757.042 casos de AIDS foram registrados (BRASIL, 2014).

Até hoje não existe uma cura para a síndrome de imunodeficiência adquirida, havendo somente o tratamento. O avanço de tecnologias de diagnóstico, a melhora do sistema de assistência em HIV/AIDS e os programas do governo de acesso ao tratamento anti-retroviral (TARV), propiciaram uma melhor qualidade de vida e um aumento da taxa de sobrevivência das pessoas com AIDS.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: gika.gmf@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: hendryoandre@gmail.com.

“No início da epidemia, o segmento populacional constituído dos homens que fazem sexo com outros homens — homossexuais e bissexuais — foi o mais atingido” (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2001). Entretanto nos últimos anos, se observamos os resultados dos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, percebe-se uma clara modificação no quadro de grupos de risco dos soropositivos. Dos 13.447 casos notificados no Sistema Nacional de Atendimento Médico (SINAM) 52,7% correspondem ao grupo de homens heterossexuais e, dentre as faixas etárias que apresentaram um maior aumento no número de ocorrências, destacaram-se as de 55 a 59 anos, com 22,7% de aumento, e a de 60 anos ou mais, com 33,3%. (BRASIL, 2012).

Esse aumento do contingente de pessoas idosas com AIDS, segundo o Caderno de Atenção Básica – Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa, são decorrentes de dois fatores, que seriam os novos casos de notificação de pessoas com HIV após os 60 anos ou mais e o envelhecimento daqueles que já estavam infectados pelo vírus.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com o censo de 2010, cerca de 21 milhões de pessoas no país têm 60 anos ou mais. Esse crescente envelhecimento da população, fez surgir formas de garantir uma melhor qualidade de vida aos idosos. Esse grupo etário passou a ter uma vida social mais ativa e, o aumento da comercialização de medicamentos para a disfunção erétil, em 1998, proporcionou uma vida sexual mais longa.

“Atualmente, são muitos os fatores que estimulam o prolongamento da atividade sexual desse grupo populacional: maior expectativa de vida saudável, incremento da vida social e, conseqüentemente, da vida sexual, em decorrência de novas drogas para a disfunção erétil, medicamentos que minimizam os efeitos da menopausa, lubrificantes vaginais, próteses, correção e prolongamento peniano, cirurgias plásticas estéticas, os exames preventivos de câncer de próstata, fazendo com que os homens e mulheres frequentem mais os serviços de saúde. A crescente difusão da prática de exercícios físicos (musculação, hidroginástica, yoga etc), turismo direcionado para esse segmento, dentre outros recursos, vem permitindo que os homens e as mulheres idosos prolonguem ainda mais o exercício de sua sexualidade (BRASIL, 2007).”

Porém, não faz parte do costume, da maior parte dessa população, usar métodos contraceptivos e que previnam a saúde sexual dos indivíduos. Juntamente com essa falta de costumes há uma escassez de campanhas voltadas para os idosos, tanto por parte dos órgãos responsáveis quanto dos meios de comunicação que não veiculam informações com a devida importância que o tema representa.

2 OBJETIVO

Objetivo geral

- Reportar a incidência de caso de AIDS em idosos, uma vez que predominantemente na sociedade se tem difundida a ideia de que a AIDS está vinculada a população mais jovem.

Objetivos específicos

- Analisar e compreender o porquê do surgimento de novos grupos etários com maior incidência de AIDS;
- Buscar dados e fatores que justifiquem os idosos como um grupo vulnerável ao vírus HIV;
- Produzir trabalho acadêmico com o que foi apurado na pesquisa.

3 JUSTIFICATIVA

Ao buscar publicações nos veículos de comunicação, do meio impresso e online e, nas programações televisivas, sobre o tema da ocorrência de AIDS em idosos pode perceber uma escassez de campanhas dirigidas aos idosos com o fim de prevenir o contágio de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e, de conscientizar que esse grupo está vulnerável a infecção. As poucas matérias divulgadas pelos veículos jornalísticos de comunicação noticiavam apenas os dados e resultados de boletins, sem propor reportagens com abordagens diferenciadas ou que cobrassem uma maior preocupação das instituições médicas responsáveis por esse tema.

A partir dessas observações, vê-se a falta dessa pauta na agenda-setting dos meios de comunicação. A agenda-setting parte do pressuposto que os temas abordados nos veículos de comunicação de massa “agendam o público, chegando a tornar-se tema de suas conversas cotidianas. (...) de forma simplificada, é uma abordagem que diz à audiência o que pensar, mas não como pensar” (ROSSETTO; SILVA). Desse pensamento, pode-se concluir que se houvesse um interesse maior por parte dos meios de comunicação, as pessoas, principalmente os idosos, estariam sabendo mais informações sobre o risco a que estão sujeitos e o tema teria uma repercussão social mais efetiva.

Com o intuito de poder trabalhar esse tema, foi escolhido desenvolvê-lo na forma de uma reportagem, por possibilitar uma narrativa mais longa que a notícia e, que necessita

para a sua produção uma pesquisa mais intensa e aprofundada, que possa transmitir as informações de forma clara e objetiva, mas ainda sim detalhada.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os métodos e técnicas empregados foram:

- pesquisa e acompanhamento de notícias em jornais e revistas, no meio impresso e online e, em sites especializados no tema específico;
- recolhimento de dados estatísticos e quantitativos, com base em uma análise em bancos de dados nacionais;
- estudo de campo, por meio de entrevistas com profissionais especializados, afim de melhor compreender as informações pesquisadas;
- trabalho prático, através do recolhimento de informações e depois para a composição da reportagem;
- Desenvolvimento do paper para apresentação em evento regional de comunicação.

A revisão bibliográfica e a análise dos materiais jornalísticos disponíveis permitiram juntar uma extensa quantidade de informações que perpassavam os diferentes ângulos de possível abordagem. A partir daí foi necessário um exercício de “recorte” de todo o material recolhido a fim de selecionar as informações mais importantes dentro da proposta escolhida., a qual eu pretendi reportar de forma objetiva, mas ainda sim com certo aprofundamento e detalhamento o tema analisado.

Para a criação do paper foi necessária uma pesquisa bibliográfica mais criteriosa, exigindo a leitura de artigos, teses e dissertações com um foco mais especializado, que se propunham a discutir o tema da AIDS na terceira idade com o fim de buscar maior visibilidade e ampliar os estudos nessa área.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O primeiro passo para a produção da reportagem foi a realização de uma pauta bastante detalhada e que trouxesse uma proposta diversificada. Para tanto fiz uma pesquisa em diversos sites especializados em AIDS e uma busca nos bancos de dados nacionais

sobre a contaminação do vírus HIV no Brasil, de forma a conseguir analisar mudanças nos grupos de riscos, mutações do vírus, as novas possibilidades de tratamento e suas limitações.

A produção da pauta, mais a pesquisa e análise dos materiais veiculados nos meios de comunicação foram de extrema importância para o desenvolvimento de uma reportagem com uma abordagem diferenciada, uma vez que busquei não somente informar o aumento do número de casos de AIDS em idosos, mas explicar os motivos que tornam essa faixa etária vulnerável ao vírus e as complicações que podem decorrer do tratamento anti-retroviral numa idade mais avançada.

A maior dificuldade para a realização da reportagem era como eu passaria as informações de caráter mais técnico, de forma que todas as pessoas que lessem a matéria pudessem entendê-la. Para isso o estudo de campo foi fundamental, pois me ajudou a compreender com mais clareza como se davam os processos de tratamento e seus efeitos, e dessa forma a melhor transmiti-los, de forma mais compreensiva possível. As entrevistas com os profissionais especializados foram não só necessárias, mas bastante esclarecedoras.

As entrevistas com alguns idosos me ajudaram a melhor direcionar o foco da reportagem, pois a partir da conversa com eles pude perceber que de fato havia uma ausência de conhecimento sobre o tema e, talvez o que foi mais interessante foi a curiosidade despertada de saber mais sobre algo que de certa forma está sendo omitido a eles por uma falta de disseminação de informações.

Das entrevistas a fala de duas fontes foram selecionadas, dentre elas a de uma especialista em infectologia e a de uma senhora idosa. Os dados selecionados foram os que melhor exemplificavam o assunto que estava sendo discutido na matéria.

A reportagem pode ser encontrada no portal de notícias do curso de jornalismo do Centro Universitário Autônomo do Brasil – UniBrasil, o Capital da Notícia.

6 CONSIDERAÇÕES

Hoje já fazem cerca de 35 anos desde o surgimento dos primeiros casos de infecção pelo vírus HIV. Nessas pouco mais de três décadas várias pesquisas desenvolvidas buscaram a sua cura, sem infelizmente consegui-la. Mas essas pesquisas não foram em vão,

permitiram um avanço significativo na descoberta de tratamentos mais eficientes, que causem um menor dano aos pacientes. Em decorrência desse avanço podemos perceber uma maior taxa de sobrevivência das pessoas infectadas, juntamente com uma melhor qualidade de vida.

Contudo, o aumento de incidência da síndrome de imunodeficiência adquirida em novos grupos de risco, mostra que além de incentivar o desenvolvimento de pesquisas, também é preciso uma maior comunicação entre as instituições que tratam da AIDS com a população, uma vez que todos estamos sujeitos a ser contaminados pelo vírus.

Uma das formas possíveis para a prevalência desse diálogo, é a disseminação desses conteúdos através dos meios de comunicação, que tem um papel de destaque na sociedade, no que se refere a fornecedores de informação. E uma vez que o jornalismo pretende oferecer um serviço de utilidade pública é importante que os veículos de comunicação abram espaço em suas publicações e programações para discutir com um maior aprofundamento temas importantes que estão sendo deixados em segundo plano.

O que pude perceber com a realização de todas as pesquisas, análises e com a produção da pauta e reportagem é que há uma preocupação dos médicos e especialistas não só com a doença, mas com a falta de informação que poderiam estar prevenindo o aumento de pacientes. Também foi possível observar, por parte das pessoas idosas que, elas estão interessadas em saber sobre os riscos que estão vulneráveis, mas com a ausência de informações elas acabam por nem cogitar o que estão suscetíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIA, Giovanna Menezes. Reportagem **Aids Preocupa Terceira Idade**. Disponível em: <<http://capitaldanoticia.com.br/2014/12/18/aids-preocupa-terceira-idade/>>. Acesso em: 24 de abril de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST**. Ano III, n. 1 – 27^a – 52^a de 2013; 01^a – 26^a de 2014 – semanas epidemiológicas. Janeiro a junho 2014. Acesso: 22 de abril de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST**. Ano I, n. 1 – até 52^a de dezembro de 2012 – semanas epidemiológicas. Dezembro de 2012. Acesso: 22 de abril de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, n. 19. 2007.192p. Acesso: 23 de abril de 2015.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira**, n. 27. 2010. 317p. Acesso: 23 de abril de 2015.

BRITO, Ana Maria; CASTILHOS, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. **AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. V. 34, n. 2, p.207-217, mar-abr, 2001. Acesso: 21 de abril de 2015.

ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; SILVA, Alberto Marques. **Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.26, p. 98-114, jul. 2012. Acesso: 24 de abril de 2015.